



ACOMPANHAMENTO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Emerson Rolkouski

Uma das demandas recorrentes nos cursos de formação do PNAIC é sobre a avaliação e a construção de instrumentos de avaliação. O objetivo deste texto é justamente este: o de discutir sobre a construção desses instrumentos tomando como ponto de partida os documentos já publicados no PNAIC e também aqueles disponíveis no SisPACTO. A partir da leitura deste texto, a intenção é auxiliar os professores alfabetizadores a construir instrumentos de avaliação em todas as áreas, que aqui serão ilustrados por meio de relatos de experiências.

Neste texto não trataremos das avaliações em larga escala, tendo em vista que o professor alfabetizador encontrará uma discussão sobre essas formas de avaliação no Caderno para Gestores como, por exemplo sobre a Avaliação Nacional de Alfabetização. Nesse mesmo Caderno, encontramos a abordagem da problemática da avaliação e progressão no Ciclo de Alfabetização, que, por esse motivo, também não será abordada nesse texto.

O Caderno Avaliação no Ciclo de Alfabetização: reflexões e sugestões, inicia apontando a dificuldade que professores explicitam em avaliar seus alunos:

São muitos os professores que, em encontros de formação continuada, explicitam dificuldades para avaliar seus alunos. São muitas também as pesquisas responsáveis por evidenciar que, de fato, avaliar não é uma tarefa fácil e que, muitas vezes, crianças com conhecimentos semelhantes em relação a determinado conteúdo recebem pontuações diferentes na avaliação do professor. (BRASIL, 2012a)

Com vistas a ilustrar essas dificuldades, nos momentos em que discutimos sobre o tema avaliação, em nossas formações, temos fornecido um instrumento de avaliação previamente respondido por uma criança e solicitado aos professores participantes que façam uma correção do instrumento, de modo individual. Em uma escala de 0 a 10, as notas têm variado entre 3 e 9 pontos. Tal situação causa grande desconforto entre os participantes, mas nos ajudam a ilustrar a subjetividade que existe em instrumentos como esse.

Além de outros fatores, é também por esse motivo que se enfatiza a importância da utilização de vários instrumentos de avaliação e que podemos considerar uma avaliação em larga escala, por exemplo, como apenas mais um desses instrumentos, não devendo assumir posição de destaque para balizar o trabalho pedagógico. Seja porque ocorre em um momento muito pontual, seja porque, de fato, é bastante limitado, ela não nos possibilita acompanhar o desenvolvimento de uma série de conhecimentos e habilidades necessários às crianças. Para citar dois exemplos: na área de Língua Portuguesa não é possível um instrumento como esse avaliar a oralidade, bem como, na área de Matemática, não é possível aferir conhecimentos relativos à lateralidade (BRASIL, 2014b).

Essa multiplicidade de estratégias de avaliação devem estar coerentes com os princípios elencados no PNAIC, sobretudo pelo seu caráter inclusivo, que enfatiza a necessidade de considerarmos a heterogeneidade da escola brasileira. E, para que essas estratégias se tornem aliadas em redirecionamentos necessários da prática

pedagógica, bem como para um efetivo acompanhamento do desenvolvimento da criança, são necessários instrumentos adequados de registro, sobre os quais iremos nos debruçar com maior detalhamento.

Em qualquer processo avaliativo, é preciso clareza sobre o que as crianças precisam aprender:

Delimitando o que as crianças precisam aprender, torna-se mais clara a ação avaliativa. Ainda assim, é preciso se pensar em quais são as estratégias de avaliação a serem adotadas e quais tipos de instrumentos favorecem mais a identificação do que os estudantes aprenderam em relação a determinado conteúdo. (BRASIL, 2012a, p. 13)

Podemos então considerar que primeiramente necessitamos delimitar o que as crianças precisam aprender; a partir daí criar estratégias de avaliação, que podemos e devemos considerar também como ricos momentos de aprendizagem; e, finalmente, a criação de instrumentos de registro.

Para delimitar a aprendizagem em cada uma das áreas, os Direitos de Aprendizagem podem servir de balizadores, sem necessariamente serem considerados como amarras, tendo em vista as especificidades de cada região, escola, aluno. Os Direitos de cada área estão elencados no primeiro texto deste Caderno, e também já foram discutidos nos Cadernos de 2012 (BRASIL, 2012b), sendo os Direitos da área de Matemática detalhados nos Cadernos de 2014 (BRASIL, 2014a).

Cada uma das áreas possui sua especificidade, sendo alguma divididas em linguagens, como Artes, e outras em eixos, como, por exemplo a Língua Portuguesa. Essas nuances devem ser consideradas na construção das estratégias de avaliação, bem como nos instrumentos de acompanhamento.

No caso da Língua Portuguesa, temos quatro eixos interdependentes: Leitura, Escrita, Oralidade, Aquisição do Sistema de Escrita Alfabética. Esses eixos podem sugerir a construção de estratégias avaliativas e instrumentos de registro separados.

Em Brasil (2012a), encontramos tabelas do que pode ser considerado, em cada eixo, como importante constar em estratégias avaliativas e, conseqüentemente, nos instrumentos de registro. Como exemplo, temos o que deve ser enfatizado para o eixo Leitura e Produção de Textos:

Para o Eixo Leitura:

Capacidade	Ano 1	Ano 2	Ano 3
Reconhecer a finalidade do texto	X	X	X
Localizar informações	X	X	X
Identificar o tema / o sentido do texto	X	X	X
Elaborar inferência	X	X	X
Estabelecer relação entre partes do texto, por meio e pistas que retomam coesivamente o que já foi escrito (pronomes pessoais, sinônimos e equivalentes)			X
Compreender o sentido de expressões / palavra do texto			X
Estabelecer relação e intertextualidade			X





Eixo Produção de Textos

Capacidade	Ano 1	Ano 2	Ano 3
Escrever com legibilidade	X	X	X
Adequar o texto aos propósitos da situação de escrita	X	X	X
Utilizar conhecimentos sobre as características do gênero solicitado	X	X	X
Escrever com segmentação	X	X	X
Utilizar mecanismos coesivos (pronominalização, substituição lexical, uso de articuladores...)			X
Estrutura parágrafos e períodos do texto (morfossintaxe)			X
Pontuar o texto			X
Usar letra maiúscula			X
Escrever com correção ortográfica			X
Selecionar vocabulário adequado e variado para compor o texto			X

A partir da elaboração de quadros como esses, em que se delimita o que deve ser enfatizado e o que se quer avaliar, passa-se à construção de estratégias adequadas ao ano. Finalmente, é importante considerar instrumentos de registro, que podem se utilizar da escala Likert de três pontos: Atende, Não Atende, Atende Parcialmente. Por exemplo:

Aluno:			
Capacidade	Atendeu	Não Atendeu	Atendeu Parcialmente
Reconhece a finalidade do texto			
Localiza informações			
Identifica o tema/sentido do texto			
Elabora inferências			
Estabelece relações entre partes do texto, por meio de pistas que retomam coesivamente o que já foi escrito (pronomes pessoais, sinônimos e equivalentes)			
Compreende o sentido de expressões/palavra do texto			
Estabelece relação de intertextualidade			

Considerando a diversidade de estratégias avaliativas e necessárias ao fazer pedagógico, tais instrumentos de registro podem ser específicos para uma determinada atividade. No eixo de Oralidade, em Brasil (2012a) encontramos a sugestão seguinte:

1. Pesquisar na biblioteca ou no cantinho de leitura da sala quais as obras que registram lendas.
2. Listar os títulos de algumas lendas para a turma.
3. Fazer uma votação para eleger qual lenda a professora contará.
4. Organizar uma roda para contação da lenda escolhida.
5. Após, organizar a turma em duplas ou grupos e pedir para que elas escolham uma lenda para apresentar para a outra turma.
6. Solicitar às duplas que leiam a lenda e ensaiem a melhor forma de contar para os alunos de outra turma.

Para essa atividade, o seguinte instrumento de registro pode ser utilizado:

Aspectos a serem observados	Atendeu	Não atendeu	Atendeu parcialmente
Realizaram mudanças de tom na voz no momento de representar os diferentes personagens?			
Realizaram mudança da voz nas sucessivas fases da história?			
Realizaram mudança da voz nas diferentes sensações que se pretende despertar no ouvinte (medo, alívio, curiosidade etc.)?			
Utilizaram a entonação ritmo e timbre no momento da contação?			
Utilizarem gestos, expressões fisionômicas e mímicas como recurso simbólico para apreender melhor o sentido do texto que está sendo narrado?			
Utilizaram o discurso na terceira pessoa?			
Utilizaram a repetição como forma de garantir a progressão textual ea interação com os ouvintes?			
Utilizaram a repetição como forma de contribuir para coerência textual e organização tópica?			
Escolheram os recursos lexicais adequados ao gênero?			
Utilizaram a repetição como recurso argumentativo para aceitação moral e/ou ensinamento da lenda?			
Utilizaram os marcadores conversacionais de forma adequada?			
Conseguiram reproduzir a sequência narrativa da lenda?			





Ainda que se tenha delimitado o que se deseja avaliar, isso não garante objetividade ao processo avaliativo e de registro. Observa-se que o que um professor considerar como “Atendeu” outro pode considerar “Não Atendeu” e isso depende de diversos fatores, entre eles o conhecimento do professor sobre aspectos pedagógicos e pertinentes à própria área.

Uma maneira de termos total objetividade nesse processo é a construção de instrumentos de avaliação estritamente de múltipla escolha, tal como ocorre com as avaliações em larga escala, o que, já sabemos, possui indesejáveis limitações. Há ainda, escolas que optam por realizarem “avaliações externas” que, no limite, substituem as avaliações realizadas pelo professor regente. Isso não somente se constitui em uma maneira inadequada de monitoramento do trabalho dos professores como o afasta desse importante momento.

A objetividade no processo avaliativo não deve ser vista como um entrave, mas sim como uma oportunidade para a discussão entre os pares, sem necessariamente se almejar um consenso. Nas discussões com a equipe pedagógica, entre os professores da própria escola e nos momentos de formação, haverá, certamente, um grande aprendizado e troca de experiências que ampliam os saberes de todos.

Há ainda uma outra questão a ser problematizada, que diz respeito à especificidade de cada área, e talvez aqui resida uma das maiores dificuldades em se registrar os avanços dos alunos. Como ilustração, vamos tomar o caso da Matemática.

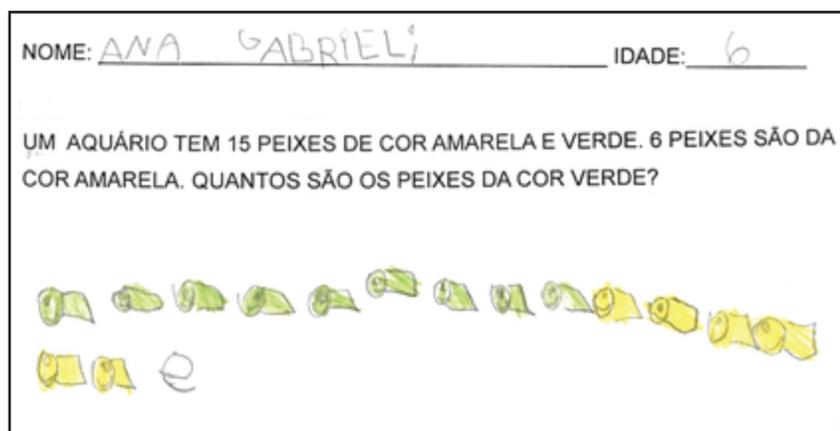
Vamos partir dos Direitos de Aprendizagem no Eixo Números (BRASIL, 2012c, p. 74), particularmente no que se refere à resolução de situações-problema, um dos aspectos fundamentais a serem contemplados na Educação Matemática. Diz o referido documento:

Eixo	Direito de Aprendizagem: Elaborar, interpretar e resolver situações-problema do campo aditivo (adição e subtração), utilizando e comunicando suas estratégias pessoais, envolvendo os seus diferentes significados			
Números e Operações		Ano 1	Ano 2	Ano 3
	Composição (juntar e separar).	I/A	A/C	A/C
	Comparação (comparar e completar).	I	A	A/C
	Transformação (acrescentar e retirar).	I/A	A/C	A/C
	Construir a notação aditiva, lendo, escrevendo e interpretando situações vivenciadas,; produzir diferentes composições aditivas para uma mesma soma.	I/A	A/C	C
	Descobrir regularidades da estrutura aditiva que permitam o desenvolvimento de estratégias de cálculo mental.	I	A/C	A/C

Suponha que, a partir dessa tabela, possamos construir um instrumento de registro justapondo a escala Lilkert sugerida:

	Atendeu	Não Atendeu	Atendeu Parcialmente
Composição (juntar e separar)			
Comparação (comparar e completar)			
Transformação (acrescentar e retirar)			
Construir a notação aditiva, lendo, escrevendo e interpretando situações vivenciadas; produzir diferentes composições aditivas para uma mesma soma.			
Descobrir regularidades da estrutura aditiva que permitam o desenvolvimento de estratégias de cálculo mental.			

Agora vamos tomar a resolução de uma criança de um primeiro ano em um problema de composição (BRASIL, 2014c, p.9):



O que poderíamos dizer a respeito? Ela 'Atendeu' (pois conseguimos perceber que desenhou os 15 peixes e efetivamente pintou a quantidade correta de peixinhos nas cores indicadas)? Ou deveríamos dizer que ela 'Atendeu Parcialmente' (pois não indicou a resposta ou a indicou espelhando o número 9)? Ou ainda que ela 'Não Atendeu' (visto que não utilizou a notação adequada)?

Há ainda o caso de crianças que com a ajuda de materiais manipuláveis conseguem oralmente fazer o problema, mas possuem dificuldades na escrita e sequer conseguiriam iniciar o processo de resolução com lápis e papel. É necessário, portanto, desdobrarmos o instrumento para podermos registrar com maior clareza a aprendizagem da criança, inserindo outras particularidades pertinentes ao próprio conhecimento. Nesse caso, pode ser adequado observar se a criança resolve o





problema com o apoio de materiais manipuláveis, com o apoio de desenhos, utilizando números e tentativas, ou ainda imediatamente por meio de uma subtração.

O fato de o ato de avaliar, em seus diferentes aspectos – seja na criação da estratégia avaliativa seja no registro –, ser um processo bastante complexo, não deve desestimular a ação. Acreditamos que a discussão é importante, muitas vezes decisiva para a vida do aluno, e traz relevantes contribuições para os que dela participam.

Avaliação em um contexto interdisciplinar

Na seção anterior, tratamos de problematizar a avaliação tomando exemplos de duas áreas: a Língua Portuguesa e a Matemática. Trata-se de momentos em que o professor tem sua atenção voltada àquele componente curricular em específico, criando estratégias avaliativas direcionadas a determinados conhecimentos.

No PNAIC 2015, o foco são as práticas interdisciplinares e muitos projetos e sequências didáticas foram relatados por professores de diferentes contextos socioeducacionais e regiões do Brasil. O fato das práticas serem interdisciplinares não impossibilita a criação de instrumentos de registro de aprendizagem que permitam fornecer ao professor o que cada criança aprendeu com aquele momento. Muito pelo contrário: deve ser parte importante do planejamento do projeto e da sequência.

Vamos tomar como exemplo o relato a seguir:



O LUGAR ONDE VIVO

Relato de experiência da professora Sabrina M. de Andrade Stahelin, da Escola Municipal Almindia Antônia de Andrade, do Município de Piên, Paraná, orientada no PNAIC por Norilda G. Sacht.

Os alunos de terceiro ano trocaram correspondência com alunos de outra escola para compartilharem opiniões a respeito do que pensam sobre o lugar onde vivem. A Escola Almindia localiza-se em Trigolândia, Distrito de Piên, Estado do Paraná. Todos os participantes moram em Piên, município localizado na região sudeste do Estado, e essa história começou com as propostas de atividades, detalhadas a seguir. A turma do terceiro ano, tem vinte e seis alunos. O interesse foi o de debater com eles questões sobre a história e a administração do Município. O trabalho foi realizado ao longo de quinze dias, com o objetivo de levar cada criança a:

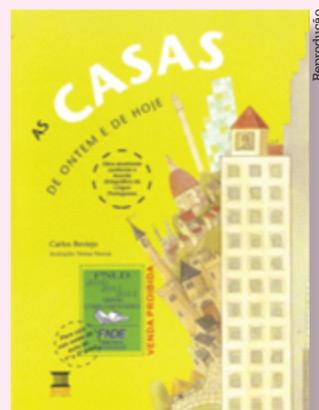
- Conhecer a história do lugar onde vive;
- Debater questões sobre o tema moradia;
- Entender como se dá a administração do Município;
- Conhecer a realidade de outras crianças que vivem no mesmo lugar que ela;

- Exercitar oralidade, leitura, interpretação de textos e escrita;
- Resolver situações-problema;
- Realizar operações matemáticas e interpretação de gráficos e tabelas;
- Registrar o contexto da realidade estudada por meio de desenho, oralidade e escrita;
- Utilizar diferentes gêneros textuais, tais como cartas, texto informativo e notícias.

Para começar as atividades sobre o tema, a turma iniciou com uma conversa sobre o lugar onde vive. Em sala de aula, fizeram a leitura e interpretação de um texto organizado pela professora e entregue aos alunos⁴. A origem do nome e a história do Município foram os temas discutidos, levando a reflexões sobre as condições atuais de Piên.

Feita a leitura e interpretação do texto informativo sobre a história do Município, a professora leu para a turma o livro “As casas de ontem e de hoje”, autoria de Carlos Reviejo e ilustrado por Teresa Novoa, do acervo de Obras Complementares.

A turma conversou sobre a história lida e sobre as ilustrações apresentadas no livro, discutindo assim o tema moradia. Os alunos, a pedido da professora, desenharam e descreveram em seus cadernos como são as casas do bairro onde moram e o que pensam sobre como são as casas de hoje e como eram as casas de antigamente, mostrando as mudanças que aconteceram.



Reprodução



Arquivo dos autores

Produção de aluno sobre as casas de seu bairro.

⁴ O conteúdo do texto foi adaptado de informações retiradas do site da Prefeitura do Município. Disponível em: <<http://www.pien.pr.gov.br/historia>>. Acesso em: março de 2015.

Assim, novamente os alunos continuaram a discussão sobre esse tema, conversando sobre o significado de “moradias populares” e sobre a ação de políticas públicas para a construção de casas no lugar onde eles vivem. Para falar sobre a importância da boa convivência com a vizinhança para o bem do lugar onde vivem, a professora fez um outro momento de leitura, desta vez do livro “Vizinho, vizinha”, dos autores Graça Lima, Mariana Massarani e Roger Mello, também do acervo de Obras Complementares. Depois da leitura e interpretação da história do livro, todos conversaram sobre a vizinhança do lugar onde vivem. Para mostrarem se conhecem ou não os seus vizinhos, a professora pediu para os alunos representarem a sua vizinhança por meio de desenho, descrevendo-a por meio da escrita.



Arquivo dos autores

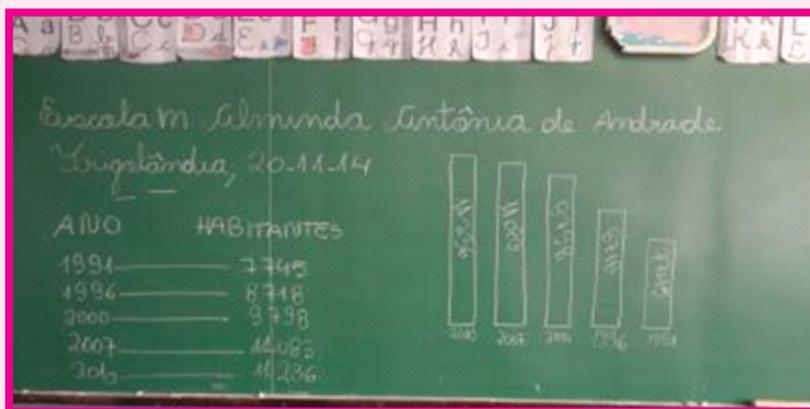
Produção de aluno sobre sua vizinhança.

Ainda debatendo sobre as características e o desenvolvimento do lugar onde vivem, a professora utilizou uma tabela sobre o número de habitantes de Piên para fazer os alunos observarem o crescimento da população do Município a cada ano. Foram feitos gráficos e elaboradas situações-problema a partir dos dados retirados, pela turma, do texto informativo.

Ano	Piên	Paraná	Brasil
1991	7.745	8.448.713	146.825.475
1996	8.718	8.942.244	156.032.944
2000	9.798	9.563.458	169.799.170
2007	11.083	10.284.503	183.987.291
2010	11.236	10.444.526	190.755.795

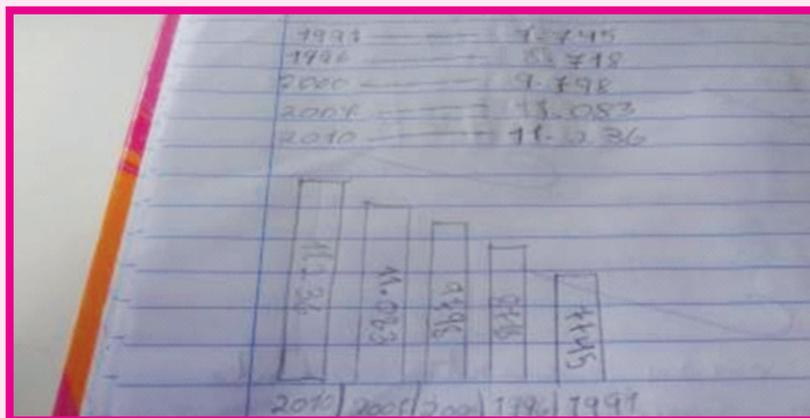
Arquivo dos autores

Tabela sobre dados populacionais de Piên.



Arquivo dos autores

Produção da professora, escrita no quadro, com a retirada de informações da tabela e construção de gráfico.



Arquivo dos autores

Produção de aluno escrita no caderno.

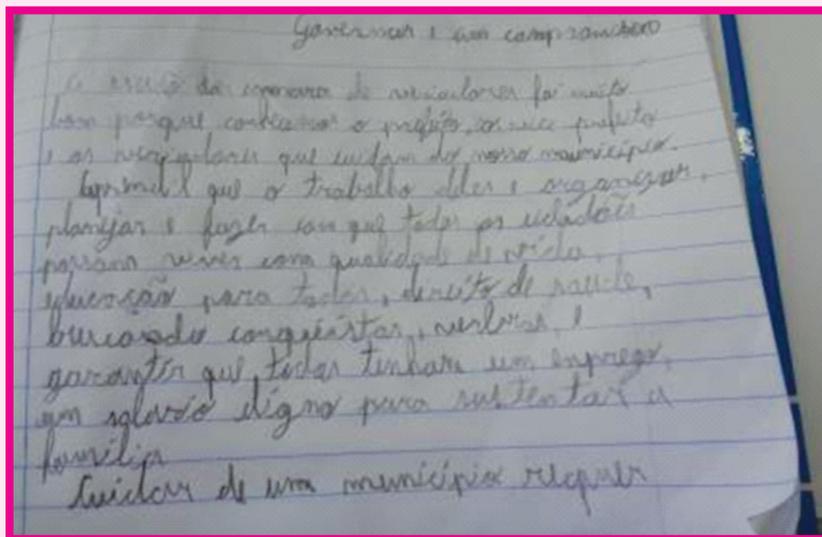
Para falar sobre a importância de se pensar sobre os diferentes aspectos que fazem um município ser o que é, a professora iniciou uma discussão com os alunos sobre sua estrutura administrativa. Novamente utilizando um texto informativo retirado do site da Prefeitura, a professora apresentou aos alunos os nomes do prefeito, vice-prefeito e vereadores, perguntando se os alunos os conheciam. Para conhecer um pouco sobre a administração do município, a professora levou os alunos para uma visita à Câmara de Vereadores, onde tiveram a oportunidade de assistir a uma sessão de trabalho e conversarem com alguns vereadores, que explicaram sua função.



Arquivo dos autores

Alunos acompanham sessão na Câmara de Vereadores de Piên.

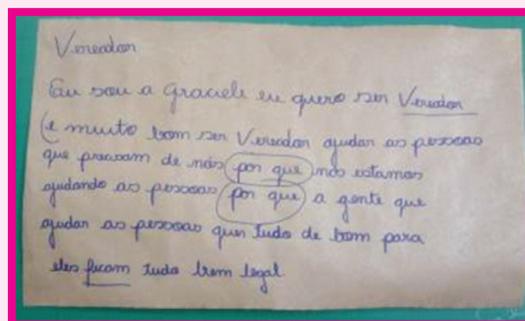
De volta à sala de aula, a professora pediu para cada aluno produzir um texto explicando o que aprenderam sobre o trabalho de um vereador.



Arquivo dos autores

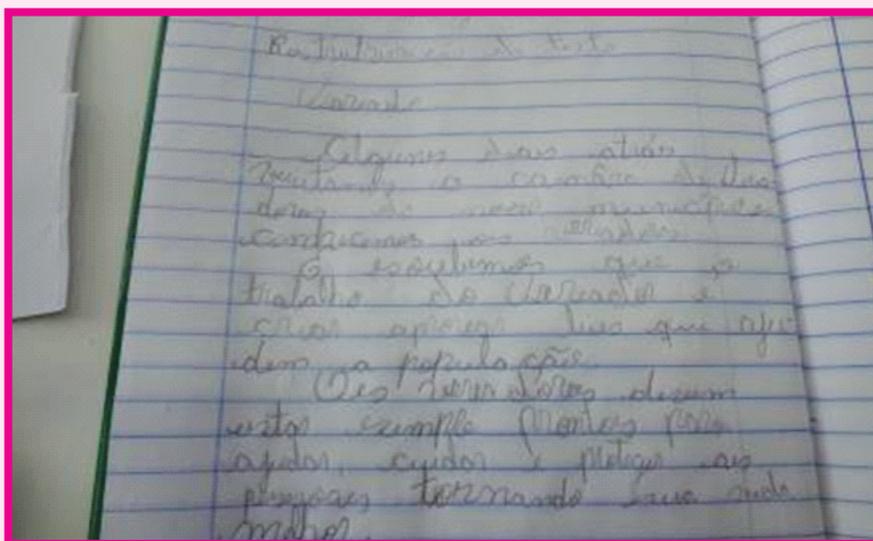
Produção de alunos sobre a visita à Câmara de Vereadores do Município.

A professora fez as devidas correções, chamando os alunos para fazerem a reestruturação do texto, de forma coletiva, com a professora atuando como escriba no quadro.



Arquivo dos autores

Correção coletiva de texto.

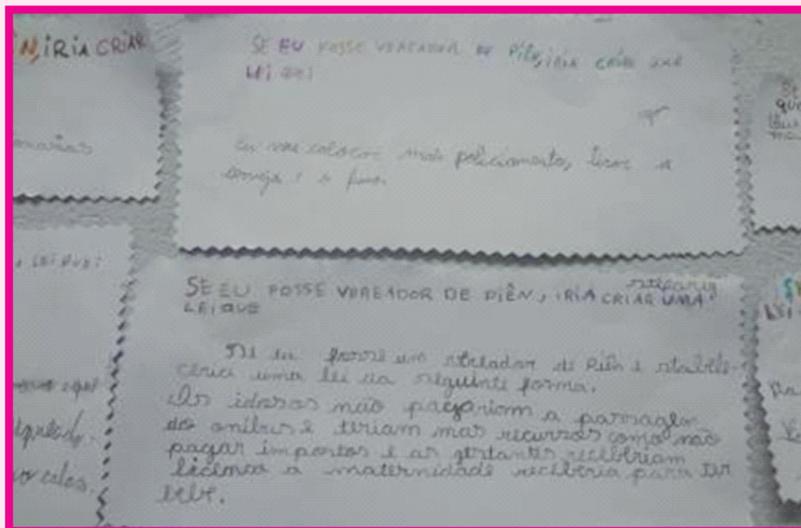


Arquivo dos autores

Produção de aluno após reestruturação do texto.



O tema foi discutido em sala para evidenciar a importância da organização e da administração do Município para o bem-estar das pessoas que nele vivem. Como atividade para casa, a professora pediu para as crianças, com a ajuda de seus pais, pensarem sobre o que fariam, caso fossem vereadores de Piên, e escreverem uma lei que seria por eles aprovada. De volta à sala de aula, os alunos leram as suas propostas e compartilharam suas ideias. As propostas dos alunos foram transcritas para folhas, que depois foram expostas no mural da escola sob o título: “Se eu fosse vereador de Piên eu iria...”



Arquivo dos autores

Produção dos alunos.

Todas as propostas foram lidas para os alunos discutirem sobre as melhorias desejadas para Piên e para seus habitantes. A professora leu, então, outro livro do acervo de Obras Complementares, “Mapa de Sonhos”, de Uri Shulevitz, e conversou sobre a história com os alunos, relacionando a tudo o que já haviam discutido e feito até ali. Propôs a cada aluno escrever um texto sobre o que eles sonham para o lugar onde vivem. Depois dos textos prontos, os alunos se reuniram em duplas e criaram um mapa dos sonhos do Município de Piên.



Arquivo dos autores

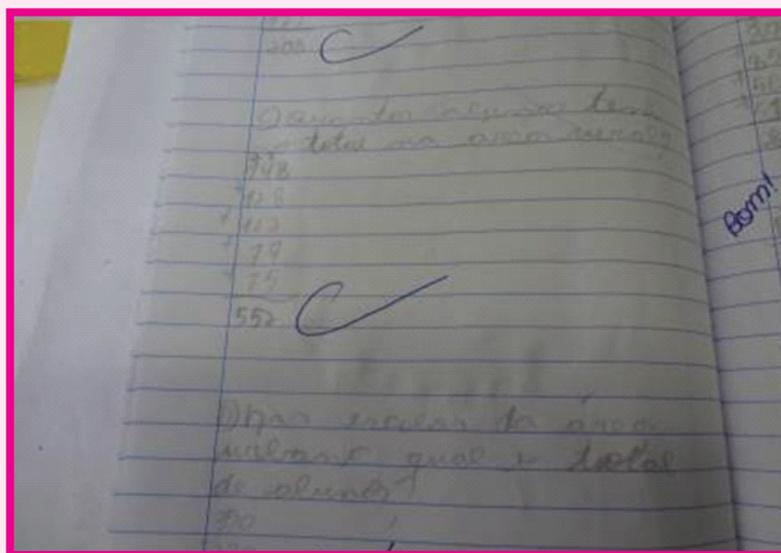
Produções de alunos: mapa de sonhos de Piên.

A professora conversou com os alunos sobre a importância da educação para tornar realidade os nossos sonhos. Levou para a sala de aula um texto informativo com um quadro que mostrava o nome das escolas municipais de Piên e a quantidade de alunos que há em cada uma delas. A partir do quadro, a professora elaborou situações-problema que foram resolvidas pelos alunos utilizando cálculos matemáticos.

Instituição	Quantidade de alunos
Escola Alminda – Triguãndia	310
Escola Marciano de Carvalho	350
Escola Rural Municipal Santa Isabel – Campina dos Crespins	122
Escola Rural Municipal Frei Demétrio – Campina dos Mata	128
Escola Rural Municipal de Gramados – Gramados	148
Escola Rural Municipal Etelvina Pacheco – Campo Novo	79
Escola Rural Municipal Prefeito Laércio Bueno dos Santos – Poço Frio	75
Centro Municipal de Educação Infantil Gotinhas do Saber	56
Centro Municipal de Educação Infantil Tia Nena	89
Centro Municipal de Educação Infantil Tio Milton	85
Centro Municipal de Educação Infantil Vida Nova	51

Arquivo dos autores

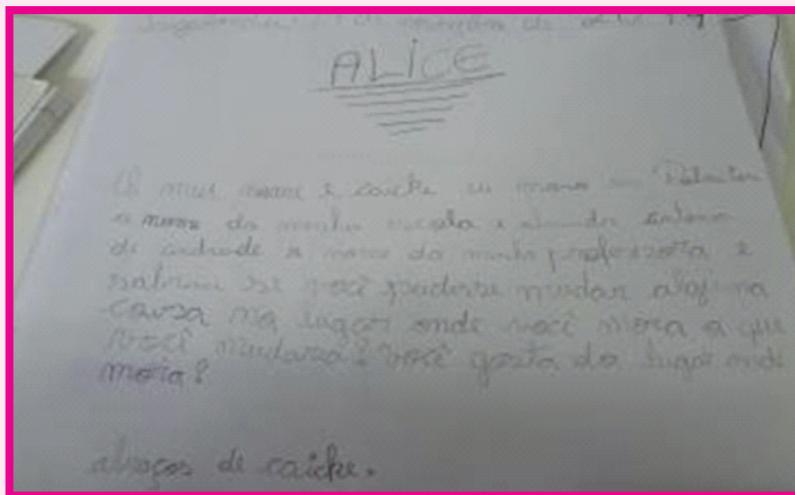
Tabela com informações sobre as escolas de Piên.



Arquivo dos autores

Situações-problema propostas e resolvidas pelos alunos.

Mostrando a lista com os nomes das escolas de Piên, a professora propôs que os alunos de sua turma conversassem com alunos de outra escola para saberem o que eles pensam sobre o lugar onde moram e sobre o Município. Escolheram a Escola Rural Municipal Santa Isabel, da localidade de Campina dos Crespins. Para conversar com os alunos daquela escola escreveram cartas, que foram endereçadas à escola e enviadas pelo correio. Cada aluno escreveu uma carta se apresentando, apresentando a sua escola e perguntando: “Se você pudesse mudar alguma coisa no lugar onde você mora, o que você mudaria? Você gosta do lugar onde mora?”



Arquivo dos autores

Produção de aluno.

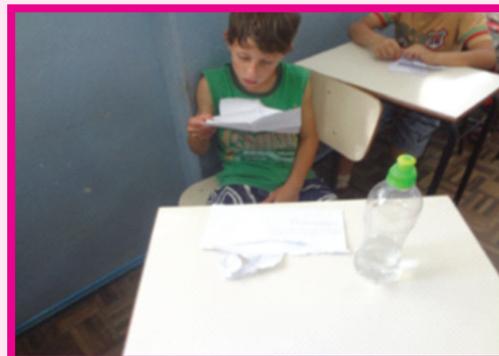
Depois de um tempo, os alunos receberam as respostas, também em forma de cartas, que foram retiradas no correio.



Arquivo dos autores

Alunos com as cartas recebidas de crianças de outra escola.

Retornando para a sala de aula, cada aluno leu para a turma a carta que recebeu. Conheceram, assim, as respostas das crianças que estudam na outra escola e conversaram sobre o que elas disseram, debatendo o que desejam melhorar no lugar onde vivem.



Arquivo dos autores

As crianças lendo as cartas que receberam.



Arquivo dos autores

Cartas recebidas pelos alunos.

Para finalizar a atividade, os alunos representaram o município de Piên em maquetes, que foram apresentadas aos demais alunos da escola em uma exposição.



Produção de aluno com maquete do Município.



Arquivo dos autores



Observamos que, para além dos objetivos descritos pela professora, uma série de outros conhecimentos são trabalhados em um projeto como esse, podendo ser registrados em instrumentos de avaliação. Destacamos:

- na Língua Portuguesa: (Eixo Leitura) Reconhecer a finalidade do texto, Localizar informações, identificar o tema/o sentido do texto, elaborar inferência; (Eixo produção de texto por escrito) escrever com legibilidade, adequar o texto aos propósitos da situação de escrita, utilizar conhecimentos sobre as características dos gêneros solicitados.
- na Matemática: (Eixo Número e Operações) Ampliar progressivamente o campo numérico, investigando as regularidades do sistema de numeração decimal para compreender o princípio posicional de sua organização, Elaborar, interpretar e resolver situações-problema do campo aditivo (adição e subtração), utilizando e comunicando suas estratégias pessoais, envolvendo os seus diferentes significados; (Eixo Espaço e Forma) Construir noções de





localização e movimentação no espaço físico para a orientação espacial em diferentes situações do cotidiano, Reconhecer formas geométricas tridimensionais e bidimensionais presentes no ambiente; (Eixo Grandezas e Medidas) Compreender a ideia de diversidade de grandezas e suas respectivas medidas – área, comprimento, valor monetário.

- nas Ciências Humanas: situar acontecimentos históricos e geográficos, localizando-os em diversos espaços e tempos; relacionar sociedade e natureza reconhecendo suas interações e procedimentos na organização dos espaços, presentes tanto no cotidiano quanto em outros contextos históricos e geográficos; identificar as relações sociais no grupo de convívio e/ou comunitário, na própria localidade, região e país. identificar também outras manifestações estabelecidas em diferentes tempos e espaços; conhecer e respeitar os modos de vida (crenças, alimentação, vestuário, fala, etc.) de grupos diversos, em diferentes tempos e espaços; apropriar-se de métodos de pesquisa e de produção de textos das Ciências Humanas, aprendendo a observar, analisar, ler e interpretar diferentes paisagens, registros escritos, iconográficos e sonoros; elaborar explicações sobre os conhecimentos históricos e geográficos utilizando a diversidade de linguagens e meios disponíveis de documentação e registro.

Há uma série de outros conhecimentos que podem ser observados, inclusive de outras áreas, como, por exemplo, as Artes, no momento da realização dos desenhos. Mas isso depende da ênfase com que tais situações foram abordadas.

Em cada situação didática, a intencionalidade do professor em prepará-la e o seu olhar sobre a produção e as atitudes dos alunos auxilia na construção de instrumentos de registros que, no decorrer do período escolar, permitem-nos obter um quadro bastante completo do desenvolvimento de cada criança em todas as áreas. Esse quadro, possibilita a tomadas de decisões em relação ao aluno e o repensar das ações didáticas de maneira refletida e pautada em dados observados. Pensamos ser essa uma das principais contribuições dos instrumentos de acompanhamento.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Avaliação no ciclo de alfabetização: reflexões e sugestões. Brasília: MEC/SEB, 2012a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: MEC/SEB, 2012b.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Elementos conceituais e metodológicos para definição dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento do Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º anos) do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEB, 2012c.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Brasília: MEC/SEB, 2014a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Caderno de Geometria. Brasília: MEC/SEB, 2014b.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Caderno de Operações na Resolução de Problemas. Brasília: MEC/SEB, 2014c.